



## O Ciclope Polifemo da Ódisseia e a Consciência Sociológica Contemporânea

### The Cyclops Polyphemus from Homer's Odyssey and the contemporary social consciousness

#### **Fábio Peixoto Bastos Baldaia**

Professor Doutor em Ciências Sociais; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia; [fp.baldaia@hotmail.com](mailto:fp.baldaia@hotmail.com)

#### **Victória Henry Pereira**

Estudante do curso Integrado de Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia; [vihenry@outlook.com](mailto:vihenry@outlook.com)

#### **Resumo**

O objeto desse artigo é o estudo da Sociologia enquanto discurso e conjunto de modelos capazes de oferecer uma explicação para a Contemporaneidade. Esse foco justifica-se, pois permitirá reafirmar a especificidade e a importância da disciplina tanto em seu potencial explicativo frente às sociedades coevas, quanto como contribuinte ao debate público. Nesses termos, elaborou-se a seguinte problemática: qual o papel da Sociologia na interpretação da sociedade contemporânea? Nesse contexto, que tipo de contribuição a Sociologia pode dar para a intervenção social dos agentes? Assim, objetiva-se, primeiro, argumentar que o estudo da Sociologia qualifica o debate público e oferece parâmetros à ação individual diante de um cenário social, econômico, político e cultural fluido e, segundo, demonstrar que a Sociologia aporta um conjunto de teorias e categorias capazes de oferecer uma linha de interpretação coerente acerca da Contemporaneidade. O artigo utilizou-se de pesquisa bibliográfica, aproximando-se das discussões sobre a natureza do conhecimento sociológico, da Contemporaneidade e da Sociologia Pública.

**Palavras-Chave:** Sociologia. Debate público. Contemporaneidade.

#### **Abstract**

The object of this article is the study of Sociology as a discourse and the set of models capable of offering an explanation to Contemporaneity. This focus will allow to reaffirm the specificity and importance of the discipline in its explanatory potential in relation to contemporary societies and also reaffirm the importance of the discipline as a contributor to public debate. In these terms, the following problematic was elaborated: what is the role of Sociology in the interpretation of contemporary society? In this context, what

kind of contribution Sociology gives to the social intervention of agents? The objective of this article is to argue that the study of Sociology qualifies public debate and offers parameters to individual action in a fluid social, economic, political and cultural scenario. The article also aims to demonstrate that Sociology contributes to a set of theories and categories capable of offering a line of coherent interpretation about Contemporaneity. The article was done by bibliographical research approaching the discussions about the nature of sociological knowledge, Contemporaneity and Public Sociology.

**Keywords:** Sociology. Public Debate. Contemporaneity.

## Introdução

Ao analisar as características das ciências sociais, Jeffrey Alexander (1987) assevera que as condições definidoras da crise do paradigma nas ciências da natureza são a rotina nas ciências sociais, o que faz da Sociologia um empreendimento singular. Assim, a discussão geral se torna parte indissociável do debate nas ciências sociais, tanto como a própria atividade explicativa e mesmo descritiva, pois o dissenso amplo é inerente à ciência social, havendo uma relação simbiótica entre descrição e avaliação. Alexander (1987) conclui que é por causa do desacordo empírico e teórico que a ciência social se divide em tradições e escolas, a partir das quais o desacordo científico é manifesto e as bases sobre as quais tais discordâncias são promovidas e reproduzidas. Mais precisamente no caso do campo disciplinar da Sociologia, esta sempre foi atravessado por contradições, linhas de abordagem concorrentes e concepções distintas acerca da especificidade do social. Esse desacordo fomentou entendimentos diferentes desde como se deu o processo de formação das sociedades capitalistas e de quais seriam possíveis desdobramentos, até concepções em pequena escala da autonomia do indivíduo, passando, incontornavelmente, sobre qual seriam as utilidades e as potencialidades dessa ciência.

Ao assumir essas características da Sociologia e considerando que essa disciplina é diretamente influenciada pelas transformações nos contextos sociais, este artigo tem como objeto a Sociologia enquanto discurso e conjunto de modelos capazes de oferecer explicação para a Contemporaneidade. Esse foco permitirá reafirmar a especificidade e a importância da disciplina

---

<sup>1</sup> Para Thomas Kuhn (1997) um paradigma é um conjunto de modelos, representações e interpretações do mundo tomadas *a priori* por determinada ciência, pressupostos que fornecem um campo de possíveis problemas.

tanto em seu potencial explicativo frente às sociedades coevas, quanto como contribuinte ao debate público. Isso se faz reiteradamente importante na Sociologia, e em certo sentido nas Ciências Humanas em geral, pois diversas vezes agentes no espaço da política institucional, na construção de políticas públicas, nas mídias e mesmo no mundo acadêmico tendem a subestimar o papel da disciplina. Isso decorre de uma suposta não utilidade e cientificidade. Nesse diapasão, é possível indagar: A Sociologia, enquanto campo disciplinar dotado de repertório teórico para explicação das configurações sociais, é capaz de oferecer um discurso coerente para a interpretação da fluidez social, política, econômica e cultural da Contemporaneidade? E mais, a Sociologia pode possibilitar uma aproximação ao debate público aportando conceitos, categoriais e modelos de interpretação que qualifiquem a atuação dos agentes?

Pensando nesses termos, objetiva-se, primeiro, argumentar que o estudo da Sociologia qualifica o debate público e oferece parâmetros à ação individual diante de um cenário social, econômico, político e cultural fluido e, segundo, demonstrar que a Sociologia aporta um conjunto de teorias e categorias capazes de oferecer uma linha de interpretação coerente acerca da contemporaneidade. Ao seguir essa linha argumentativa, a partir de uma pesquisa de caráter bibliográfico que aproximará as discussões sobre a natureza do conhecimento sociológico, da Contemporaneidade e da Sociologia Pública, pretende-se formular uma resposta às seguintes questões: qual o papel da Sociologia na interpretação da sociedade contemporânea? Que tipo de contribuição a Sociologia pode dar para a intervenção social dos agentes? A resposta a estas perguntas se dará metodologicamente por meio de uma revisão teórica de produções que tratam da relação entre a produção sociológica e os contextos sociais, demarcando linhas de convergência entre autores de diversas épocas e abordagens.

## 1 O que é mesmo a Sociologia?

Um elemento basilar no trabalho de autores que foram emblematizados como fundadores da Sociologia entre os séculos XIX e XX, como Durkheim, Weber, Simmel, Marx, Spencer e outros, está no caráter, na possibilidade mesma, de um conhecimento científico sobre a sociedade. Considerações sobre a singularidade das ciências sociais, bem como a relação entre sujeito e objeto a partir de uma perspectiva que explicita a relação entre subjetividade/interesse/valores e prática de pesquisa, são elementos importantíssimos não só da concepção de ciência, mas que marcam uma posição, um lugar específico, a partir do qual se realiza o próprio papel de pesquisador. Por outro

lado, toda a construção e parte considerável dos passos subsequentes da Sociologia, e das Ciências Sociais como um todo, estiveram ligados a um projeto de interpretação e ação sobre o mundo pós-tradicional. Assim, não é exagero articular os empreendimentos sociológicos às consequências políticas, econômicas, sociais e culturais do processo de modernização das sociedades europeias no século XIX e início do século XX, a partir das quais estudiosos emblematizados como clássicos buscaram respostas para fenômenos que emergiram nos novos tempos. É possível afirmar, inclusive, que os conceitos e temas de interesse sociológico desdobraram-se desta face do cenário social, e tem como propósito apresentar uma resposta científica e coerente para explicar a modernidade e a modernização. (IANNI, 1989)

O campo da Sociologia formou-se sob o influxo de três abordagens principais oriundas dos autores considerados clássicos: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. O delineamento das fontes teóricas principais a partir do qual se desenvolveriam a Sociologia se deu com especial visibilidade no pós-guerra com a ascensão da ciências sociais norte-americanas tornadas hegemônicas sob a liderança de Talcott Parsons, orientado na perspectiva de uma síntese estrutural-funcionalista. Associaram-se como novas linhas importantes as abordagens com ênfase no ator social e nos aspectos microsociológicos, como o interacionismo simbólico e a etnometodologia. Na Europa, desdobramentos do marxismo, como a Escola de Frankfurt, e do positivismo durkheimiano, notadamente o estruturalismo, ganharam espaço. Fora dos centros de poder acadêmico – EUA, França, Reino Unido e Alemanha – muita produção nas ciências sociais foi desenvolvida, porém não era considerada parte do grande jogo das questões centrais da disciplina<sup>2</sup>.

Em todos esses locais e em todas as perspectivas, os processos modernizadores e a tentativa de estabelecer um padrão de inteligibilidade científica sobre a sociedade eram a tônica. Havia um acordo tácito que definia os contornos de um campo científico particular, estabelecendo padrões mínimos de diálogo e produção no campo das ciências sociais. Percebe-se então que a Sociologia sedimenta-se enquanto um empreendimento intelectual/científico de interpretação/ação sobre o mundo social em processo de transformação acelerada - que caracteriza a modernização. (IANNI, 1997)

As qualidades que demarcam a Modernidade (GIDDENS, 1991) - modelada, em diversos momentos, na crença positivista de progresso -, se embrionam na devoção pela ciência e pelo conhecimento objetivamente controlado como forma de oferecer bases para a ação e predição. À luz dos ideais emergentes desde o século XV, a racionalidade moderna se ergue pautada na capacidade

---

<sup>2</sup> Pode ser citados os estudos sobre desenvolvimentos na América Latina, a Sociologia desenvolvida na URSS etc.

científica de sistematizar o conhecimento. É nesse contexto que a Sociologia se firma enquanto ciência e de modo geral define seu objeto de estudo como senso a vida social humana efetivada nas interações dadas em grupos sociais das mais variadas dimensões. Em decorrência dos objetivos a que se dispõe, a Sociologia não se arquiteta como uma ciência uni-paradigmática em suas teorias e conceitos, ao contrário, propõe ou oferece o espaço acadêmico para disputa entre linhas de interpretação, assim como absorve as informações que advêm dos dados da realidade, ou seja, dialoga diretamente com a multiplicidade dos *habitus*<sup>3</sup> (BOURDIEU, 2001) e seu enraizamento nos espaços sociais.

Na contramão dos continuísmos que sustentaram a Modernidade, por um lado, e, agudizando seu caráter transformador, por outro, a chamada Pós-Modernidade ou Modernidade Tardia (GIDDENS, 1991), amanhece na segunda metade do século XX, como um período de profundas reformulações nos signos sólidos e, até então, contundentes que balizavam as civilizações modernas. Este tempo, marcado por intensa pluralização teórico-crítica e pela emergência de novos protagonistas nos debates públicos, é responsável por ressignificar as maneiras de produzir ciência e construir conhecimentos (HALL, 2009). Diante desse quadro, a Sociologia se remodela e se ramifica em outras abordagens e temáticas, incorporando novos atores sociais e complexificando as possíveis respostas a pergunta inicialmente banal: o que é a Sociologia?

O sociólogo britânico Anthony Giddens (SILVA, 2010, p. 137), reflete acerca das noções primeiras que circundam o objeto de estudo sociológico, na perspectiva do senso comum. Giddens afirma que, sumariamente, a Sociologia é confundida com uma espécie de cientifização das obviedades que coexistem no vida social, o que ecoa a desvalorização disciplinar dessa ciência. Esta não-legitimidade, frequentemente atribuída a disciplina, está apoiada nos riscos de ruptura que a atividade sociológica impõe ao fluxo dos pensamentos e estruturas sociais que por definição tendem a se reproduzir. É nessa perspectiva que a Sociologia engaja-se na interpretação e, frequentemente, no tensionamento das ações e ideias rotinizadas, naturalizadas e reproduzidas nos diversos espaços sociais. Nessa mesma linha de argumentação, Bourdieu (2001) afirmará que a Sociologia conquista seu objeto do senso comum, podendo promover certa libertação das circunstâncias imediatas, o que faz da disciplina um “esporte de combate”.

De maneira categórica, certo retorno frequente ao que são os princípios disciplinares e a oscilação do complexo mundo social atual não alterou o âmago da Sociologia. Na verdade, o que

---

<sup>3</sup>Pierre Bourdieu (2001), em uma tentativa de elencar os componentes que fundamentam o contínuo (porém mutável) embate social define *habitus* como todo “sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada.”

decorreu foi o anexo de perspectivas que dialogassem com os direcionamentos disciplinares do tempo anterior, especialmente no que se refere à incorporação sociológica ao debate público. É preciso, portanto, traçar o perfil da Sociologia, para só então compreender qual o papel dessa ciência nas sociedades contemporâneas.

O sociólogo austro-americano Peter Berger (1991) concebe a Sociologia como o processo de leitura das múltiplas realidades histórico-sociais, diante da busca incessante para capturar os fragmentos da exterioridade que geralmente são ocultados. Assim, as perspectivas sociológicas modernas e pós-modernas convergem (sem negar as especificidades conceituais das correntes teórico-metodológicas) na busca pelo entendimento das formações sociais, suas naturezas e limites, bem como nas complexas interrelações entre as coerções da coletividade e as ações individuais. De modo mais específico, Berger (1991) sinaliza também a dialética das Instituições Sociais, que se por um lado condicionam a moralidade dos grupos sociais, por outro, são reforçadas ou transformadas pelos movimentos dos sujeitos, ou seja, as estruturas são alvo de constante mudança, uma vez que sua dominação é reflexo dos significados que a elas são atribuídas no curso da história, pelos indivíduos.

Além disso, é preciso compreender que, na medida em que a sociedade dita a conduta dos sujeitos, também é responsável pela formação de subjetividades. Os indivíduos, frente às hierarquias e aos nichos das sociedades, ocupam diversas posições na trama social. Em cada espaço, os agentes são convidados a representar um papel social marcado por padrões reguladores, não apenas das ações individuais, mas das emoções desencadeadas por circunstâncias específicas. Assim, pode-se compreender que cada tempo social é responsável por ditar formas de comportamento que facilmente se convertem em auto-imagem. É função da Sociologia, na leitura interacionista, mas também construtivista de Berger, compreender esses papéis, as circunstâncias que os precedem e os signos que eles reforçam, a fim de demonstrar que as ideias também possuem localizações definidas no seio social.

A sociedade nos oferece cavernas quentes, razoavelmente confortáveis, onde podemos nos aconchegar a outros homens, batendo os tambores que encobrem os uivos das hienas na escuridão. “Êxtase” é o ato de sair da caverna, sozinho, e contemplar a noite. (BERGER, 1991, p. 166).

Entende-se, portanto, que refletir acerca do impacto social no curso das vidas individuais é tão significativo quanto realizar o processo inverso. É nesse paradigma que estão apoiadas, mesmo frente ao desacordo considerável entre vertentes, as bases do pensamento sociológico: a sociedade define o indivíduo ao passo que o indivíduo define a sociedade. Frise, contudo que, obviamente, a depender da escola sociológica as análises vão tender a privilegiar os indivíduos ou as estruturas sociais.

Na atualidade, pode-se compreender que por força das reestruturações sistêmicas, em especial do capitalismo flexível erigido a partir da crise no modo de organização do trabalho fordista (SENNET, 2004), no plano individual, psicológico e cultural, desdobraram-se reconfigurações das subjetividades, da vida privada e da percepção do “eu” por parte dos agentes, o que tem implicado em outras formas de lidar com a vida social cada vez menos provida de certeza. Esse traço contemporâneo espraia-se desde os novos movimentos sociais com pauta mais focada em questões de reconhecimento e identidade, até na fragilização dos modelos de instituições como a família, a escola e a imprensa profissional, o que por seu turno tem aberto possibilidades da busca por um conhecimento plural, pós-colonial e de potência transformativa. Giddens (1990) denuncia que a extensa gama informacional que digeriu as culturas modernas, mastigadas substancialmente pelas intervenções da globalização tecnológica, conformou a condição de reflexividade, ou seja, o de pensar e duvidar sobre os padrões e as condições da vida e do mundo:

Estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através do conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado. (GIDDENS, 1990. p.40).

É nesse sentido que a Modernidade subscreve-se como uma espécie de “Esfinge de Édipo para a Pós-Modernidade”, uma vez que seus enigmas parecem insolúveis – na medida em que são constantemente tensionados – e seus fenômenos fomentam instabilidades sociais e individuais. A identificação de outras possibilidades de comportamento, assim como a identificação dos riscos inerentes a cada uma das escolhas não traz efetivamente nem segurança, nem diminuição dos riscos. Esse raciocínio vale para o cálculo jurídico e político, para a ciência e mesmo para a reflexividade aplicada à vida cotidiana. Assim, diante da inconstância e fluidez dos conhecimentos empíricos e especializados contemporâneos, é preciso afirmar que a Sociologia não pode se furtar de dedicar-se ao exercício da auto-reflexão frente às revisões impostas pelas instituições coevas da Modernidade. Isso permitirá oferecer elementos à reflexividade a que Giddens (1990) se refere. Ademais, a Contemporaneidade exige da consciência sociológica<sup>4</sup> a compreensão de que o reconhecimento é, potencialmente, um fio condutor que permite a leitura das realidades sociais complexificadas em virtude da erosão das tradições.

---

<sup>4</sup> Denominamos consciência sociológica a compreensão tanto dos aspectos técnicos e operacionais da disciplina, quanto a relativa clareza do seu “encaixe” no mundo social.

## 2 Caracterização da Contemporaneidade

A contemporaneidade é como o Canto IX<sup>5</sup> da *Odisséia*, no qual o Ciclope Polifemo pode ser entendido como a Modernidade.

Em meados do século XV, a humanidade atracou em uma ilha longínqua e desconhecida, lar de um espécime gigantesco que atendia pelo pseudônimo de Modernidade e possuía apenas um olho: o da racionalidade. Inebriadas pela curiosidade, as civilizações abraçaram a promessa de serem devoradas pelas luzes do desconhecido. Pouco a pouco, as ideias engoliram os sujeitos e a ciência os mastigou. Cerca de cinco séculos depois, o Gigante foi surpreendido pelas inquietações da existência humana que passaram a aprisioná-lo em sua própria jaula de aço, da razão e do cálculo frio. É a partir disso que o Gigante Modernidade, misterioso em sua essência, tem sua visão-única perfurada pelos prisioneiros que ele mesmo cativou, na armadilha da embriaguez de suas próprias noções de civilidade. Quando adormecem Modernidade, os viajantes lançam mão de um projeto societário que se concebe como Contemporaneidade, uma época que remonta os signos das ciências e reescreve as grandes narrativas.

É primordial compreender as consequências dissonantes que formularam o limiar entre a Modernidade e a Contemporaneidade, ou Modernidade Tardia, que para Giddens (1991) trata-se de uma radicalização da Modernidade, não sendo, portanto, outro momento história que seja marcado por uma ruptura ou substituição. Se esta última passa a existir é apenas na medida em que a sociedade moderna gozou de um projeto societário pautado em liberdades e autonomias que fortaleceram os anseios coletivos e individuais por transformações nas estruturas sociais. Enquanto, por um lado, essa foi a questão balizadora para o adormecimento de tradicionalismos totalitarizantes das sociedades anteriores ao capitalismo, por outro, foi responsável por legitimar ambiguidades para o contemporâneo. Em vista dos desdobramentos da racionalização do mundo e da cientificação da vida – próprios da Modernidade –, a Modernidade Tardia se desenvolve em meio à crise dos estados-nação, expansão dos sistemas e hábitos capitalistas, ocidentalização do mundo e virtualização da vida. É nesse sentido que se pode afirmar que o contemporâneo se ergue a partir da liquidez e das discontinuidades frente à fixidez das bases da Modernidade, projetando sociedades com altíssimo

---

<sup>5</sup> No Canto IX da *Odisséia*, Ulisses atraca em uma ilha longínqua e seus companheiros dirigem-se à caverna que abriga um monstro gigantesco e com apenas um olho, o Ciclope Polifemo. Embriagados pela curiosidade, esperam pacientemente o retorno do Ciclope que, ao cair da noite, os aprisiona na caverna, bloqueando a saída com uma enorme pedra. Segue-se a janta de Polifemo, que devora alguns dos viajantes vivos e crus. Como sobremesa, Ulisses oferece uma porção do vinho que conservou em suas viagens e o Ciclope se embriaga. Sob os efeitos do álcool simbólico da civilização culta de Ulisses, dá margem para o escape dos estrangeiros.

rigor punitivo e numerosas tecnologias de vigia aos corpos dos sujeitos, essencialmente daqueles marcados pelos símbolos da marginalização (BAUMAN, 1997).

Nessa perspectiva, entende-se que os indivíduos frutos da Modernidade Tardia têm suas trajetórias desenhadas também por múltiplas compulsões, impulsos e necessidades de consumo. As identidades desse tempo estão influenciadas pela participação e no reconhecimento da sociedade do espetáculo, na qual os indivíduos se vêem frequentemente indiferentes e auto-centrados. É nesse contexto que o Estado contemporâneo, com a força categórica de sua coerção, intensifica o apego à violência enquanto mecanismo constitutivo da política, diante do qual velhos fantasmas do poder assumem novas configurações (apoiadas fundamentalmente nos progressos tecnológicos) nos dois mundos entrelaçados que abrigam o contemporâneo – o virtual e as realidades sociais materializadas.

Na contramão das difusões tecnológicas, a Modernidade Tardia se ergueu diante de uma sociedade não-linearmente globalizada em decorrência, principalmente, das hierarquias internacionais que cortam o globo, o que também registra os riscos e desafios erguidos sob a ameaça da seguridade e do controle social. O momento sócio-histórico da Contemporaneidade se pauta nos símbolos e na percepção socialmente difundida da deterioração das identidades individuais e coletivas, do crescimento das segregações tempo-espaciais, do império das comunicações em massa em paralelo a uma ecologia selvagem de redes sociais digitais, do crescimento da criminalidade violenta e de novos padrões de consumo e alienação. (MASS, 2011) Se, por um lado, a sociedade da vigília panóptica, no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 2001), acompanha a evolução da racionalidade tecnológica (ou é acompanhada por ela), projetando a experimentação mais flexível e, em alguma medida, intercultural da vida social-virtual, por outro, dualiza os conceitos de público e privado, em uma constante observância das relações e de suas profundas fragilidades individuais e coletivas.

Nesse ponto, retomemos a “Odisséia”, de Homero, para simbolizar o arquétipo do sujeito contemporâneo sob a face de Ulisses, herói da obra. Sua trajetória, diante do clássico, marca a simbologia representativa das rupturas que a racionalidade instrumental da Modernidade direciona as leis naturais e suas consequentes implicações na formação dos seres sociais contemporâneos. Tal qual Ulisses, esse sujeito é crente na influência dos “deuses” modernos no curso das experiências e se possível maneja a natureza para validar suas decisões ao tempo em que enfrenta os obstáculos da vastidão de terras e mares desconhecidos. Mas também, é nesse sentido que o sujeito contemporâneo pode encontrar na Sociologia uma força, um conjunto de ferramentas e modelos para a captura dos

fragmentos da exterioridade e pode ajudar a reduzir o caos a algumas regularidades sociais conformando num guia razoável frente aos cataclismos da Contemporaneidade.

### **3 A Sociologia e o Debate Público**

A argumentação desse artigo sobre o papel da Sociologia no mundo contemporâneo pode ser complementada com o entendimento da Sociologia Pública enquanto uma vertente sociológica que interpela e contribui para esfera pública a partir da criação de interfaces com o conhecimento social especializado. (BURAWOY, 2006)

Michael Burawoy diferencia dois tipos de Sociologia Pública: a tradicional e a orgânica. A primeira é uma via de comunicação a pequenos grupos academicamente especializados que não agem diretamente no cenário social e que não necessariamente instigam debates que intervenham de modo direto na opinião pública, em outras palavras, projeta-se pouco para além das universidades e centros de pesquisa. A segunda, uma espécie de interação com multidões numerosas e combativas, fomenta a participação na vida pública e em conexão íntima com as questões, dilemas, conflitos e contradições imanentes no cenário social, atuando para públicos não especializados. A Sociologia Pública seria composta justamente pelo enlace entre Sociologia tradicional e orgânica, que não se anulam, ao contrário, agem em conjunto servindo como molde e fundamento a uma Sociologia em interface com diferentes públicos antagônicos.

Na argumentação de Burawoy (2006), a Sociologia Pública diferencia-se da Sociologia Profissional (a docência e a pesquisa), da Sociologia Política (engajada em assuntos pragmáticos e voltada frequentemente a “clientes” políticos) e da Sociologia Crítica (reflexiva frente aos fenômenos da sociedade). Essa distinção não invalida que sociólogos de cada um desses campos possam contribuir ao debate público, assim como a Sociologia Pública utiliza ferramentas de cada um desses tipos de ideias no âmbito dos seus interesses, integrando as categorias de atuação e pesquisa como o objetivo de produzir possibilidades explosivas para o imaginário social contemporâneo. Essa abordagem então compreende a importância de incorporar populações marginalizadas e excluídas da vida política e da academia. Ainda segundo Burawoy, a vida intelectual acadêmica tende a vincular os sociólogos em uma única vertente da Sociologia e esse movimento torna as possibilidades de leitura do mundo social mais restritas o que, inclusive, subalterniza as atividades sociológicas predominantemente públicas, uma vez que desvalorizam as noções não-cientificadas.

Ao enquadrar a Sociologia Pública no contexto contemporâneo e na perspectiva desse artigo, percebe-se que esta enfrenta obstáculos ao alcance público devido ao poder do aparato midiático que produz “leituras preferenciais” dos fatos e da realidade social a partir da posição hegemônica da cadeia de codificação, produção e circulação de representações. (HALL, 2003) A Sociologia Pública pode, entretanto, definir categoricamente os grupos que pretendem ser tocados por cada um dos variados debates sociológicos a fim de descrever suas posições no escopo da vida pública a partir da maneira como eles se reconhecem individualmente – fazê-los enxergar que o formato de seus enfrentamentos privados são, potencialmente, questões públicas. Isso pode garantir, inclusive o empoderamento de populações subjugadas ampliando o universo do discurso e da ação minoritários ou em posição vulnerável ao tornar efetivo o engajamento no combate social. Nesse sentido, é preciso destacar a busca dos agentes sociais pela inserção de velhas personagens apagadas dos cenários massivos, em uma luta pelo espaço do reconhecimento e pela redistribuição de papéis sociais insustentáveis para as novas dinâmicas societárias do contemporâneo. Outrossim, pode-se dizer que, quanto à articulação da ação sociológica na atualidade:

É mais forte e sua realização sempre mais difícil, à medida que a Sociologia move-se à esquerda e o mundo move-se a direita. [...] nós somos governados por um regime que é profundamente anti-sociológico em seu *ethos*, hostil à própria ideia de “sociedade”. (BURAWOY, 2006, p. 12-13).

A Sociologia Pública, nesses termos, seria um avanço daquilo que Wright Mills (1972) chamou de Sociologia como uso da imaginação sociológica e artesanato intelectual, servindo, portanto, de ferramenta para o auto-conhecimento e possível anteparo à intervenção social. Daí se desdobra que a consciência sociológica tende a conduzir à ação pública, posto que a formatação da Sociologia, em sua ideia geratriz e diante de seus desenvolvimentos, remonta tanto a vinculação as capacidades do conhecimento científico, quanto a potência da movimentação política.

Diante disso, e destacando o caráter plural das identidades contemporâneas, deve-se ressaltar que o estudo sociológico se faz direcionado pela inquietação primeira dos condicionantes estruturais e dos agentes envolvidos em determinada trama social. Assim sendo, a ótica que determina a leitura de qualquer recorte da realidade social oscila de acordo com os sujeitos que a observam, a partir da influência de seus *habitus*. Dessa forma, se pode compreender que, também a produção de pensamentos, no campo da intelectualidade, ocupa um lugar na sociedade, capaz de preservar hierarquias que garantem e reforçam as inúmeras dominações que cortam as comunidades globais. Baseado nessa condição, o poder dessas hierarquias pode ser validado ou questionado também nesse campo, onde a essência e os signos de cada debate se tornam objetos de luta no cenário público.

Segundo essa interpretação, influenciada pela gramática sociológica de Bourdieu (2001), pode-se dizer que o conhecimento sociológico está em meio a lutas de representações que constituem a realidade e ao mesmo tempo, dado seu olhar metodologicamente orientado, pode contribuir ao desprendimento das limitações imediatas dessas mesmas representações.

No bojo do que foi apresentado acima, percebe-se que a presente leitura, ancorada em Burawoy, Bourdieu e Mills, diverge do que se entende convencionalmente como o papel da comunicação e divulgação científica. Apesar da comunicação científica não universitária estar em voga e implicar na capacidade das ciências de permitirem o acesso de públicos leigos a conhecimentos especializados por meio de extensão, artigos em revistas de grande circulação, jornalismo científico, eventos abertos e outros, geralmente seu foco recai sobre a Matemática, as Engenharias e as Ciências Naturais. Desse modo, a divulgação científica não é concebida usualmente como um problema para Ciências Sociais, inclusive por que estas têm sua cientificidade posta em dúvida face às *hard sciences*. Nesse plano reforça-se o argumento desse artigo de que se pode pensar o entendimento da Sociologia no intercâmbio com o debate público, conformando uma maneira de retorno social da disciplina, enquanto doa ao público, de modo simplificado, porém consistente, modelos e dados para as interpretações sociais.

Diante de tanto, se torna incontestável que a Sociologia deve ser pública tanto quanto deve ser política, profissional e crítica. Sendo pública, não deve ter menor grandeza, ao contrário, ser reconhecida com sua força de dar personalidade ao estado do que é impessoal, ou ainda reestruturar as noções do que outrora se concebia como verdade universalizável. A possibilidade de extrair a condição enigmática que a sociedade contemporânea assume (quando assume alguma coisa) para os seres sociais, é embrionada no pensamento público. Portanto, à ação da Sociologia Pública interessa o futuro tanto quanto o presente, ao passo que cada pensamento combatido e/ou construído hoje é palco das transformações do amanhã: semear socialmente o pensamento crítico significa afrouxar as amarras do desconhecimento através do plantio das sementes indeléveis de inquietações.

#### 4 A Sociologia, a Contemporaneidade e o Debate Público

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. [...] E olhou para o despertador que fazia tique-taque sobre o armário. (KAFKA, 1997, p.7-9);  
Pois bem, Ciclope, perguntas-me o nome famoso? [...] Ei-lo: Ninguém é o meu nome; “Ninguém” costumavam chamar-me não só meus pais, como os mais

companheiros que vivem comigo. [...] Ri-me no íntimo, por ver que o ardil excelente do nome alcançara seu objetivo. (HOMERO, 2015, p.159-160).

O arvorecer do século XX e os desdobramentos do Capitalismo serviram de palco para a produção literária mais aclamada da literatura kafkiana: *A Metamorfose*. Franz Kafka (1997) alegoriza a coisificação do sujeito moderno ante a devoção aos ideais de progresso pautados na rotinização, controle e na burocracia, aportando a narrativa de sujeito submetido à instrumentalização do mundo, encerrando-se na racionalidade que acomete à subserviência. Nesse sentido, a metáfora crítica kafkiana sobre a fixidez da razão moderna refere-se, categoricamente, à sua responsabilidade pela inibição das possibilidades de alomorfia subjetiva, uma vez que o indivíduo-operário só é reconhecido e identificado socialmente se obedece aos rijos dogmas da Modernidade, especialmente após a disseminação do Fordismo enquanto conjunto de técnicas de controle social e aumento da produtividade.

É nesse plano que a Sociologia, que também é fruto da cientificação moderna, direciona outros olhares ao papel e à potência da ação transformativa dos sujeitos sociais – inclusive diante de uma crença na remodelação das subjetividades pelo pensamento crítico e que pode ir além das visões comumente aceitas sobre o mundo social. É nesse sentido que a Sociologia pode ir além das limitações do racionalismo, uma vez que nem a gaiola de aço da sociedade moderna foi capaz de adormecer a veia sociológica que aspira transbordar o objetivismo e converter-se ela mesmo num corpo de conhecimentos que podem ser lidos e operacionalizados para a ação na arena pública.

Nesse instante, retomemos o pensamento de Homero diante do Canto IX<sup>6</sup> como uma figuração da passagem da Modernidade a Modernidade Tardia. Tal qual o arrojo de Ulisses, que ao fazer uso dos conhecimentos metafóricos ludibria Polifemo para escapar à sua crueldade a partir da nomeação de uma não-identidade, o sujeito contemporâneo pode fazer uso de uma ciência como a Sociologia para incutir no seio social a inspiração por decodificar o mundo e a possível aspiração ao combate público. (MASS, 2011) Isso é especialmente relevante diante do dinamismo das estruturas sociais contemporâneas que fluidificaram as instituições surgidas ou fortalecidas na Modernidade, constituindo uma possibilidade de força para o enfrentamento num cenário social amorfo, mas ainda cortado por reminiscências coloniais e pouco legíveis hierarquias de dominação locais e globais.

---

<sup>6</sup> No Canto IX da *Odisséia*, Ulisses enfrenta as animosidades do Ciclope Polifemo ao arquitetar uma armadilha para o gigante. Ele atribui a si mesmo o codinome de “Ninguém”, como parte de um plano que consistia em tontear Polifemo pela embriaguez, fazendo-o gritar por ajuda. Polifemo bradaria, àqueles que tentassem ajudá-lo, contra as investidas de pessoa nenhuma. Dessa maneira, o Ciclope seria alvo de gozação pelo nível de seu alcoolismo e não receberia a ajuda clamada, permitindo que Ulisses e seus companheiros de viagem escapassem ao amanhecer.

A novela de Kafka e o canto de Homero permitem interpretar os movimentos que (re)modelaram o enredo das tramas na vida social nos últimos séculos. A análise gélida dos comportamentos sociais em *A Metamorfose* é capaz de transmitir as características definidoras do indivíduo padronizado e subordinado que nasceu na fertilidade do moderno. Em outro plano, a efervescência no recorte do poema “Odisséia” permite explorar um viés de compreensão das características ambivalente do sujeito na Contemporaneidade. Estas literaturas, inusitadamente juntas, possibilitam situar esse sujeito diante da fluidez de suas ressignificações indenitárias o que por um lado mostra-os amorfos, autocentrados e compulsivos e, por outro, ansiosos por representatividade e reconhecimento social.

A Contemporaneidade, que não abre brechas para a nomeação de “Ninguéns”, é uma grande máquina de produzir metamorfos. Sabendo dos sentidos que a Contemporaneidade sobrecarrega aos agentes sociais, a Sociologia se concentra na compreensão de que o conhecimento é capaz de conduzir ao desprendimento de algumas amarras sociais – criação de janelas para a jaula de aço da racionalização. É nesse sentido que a consciência Sociológica pode atuar a fim de construir novas óticas para as necessidades múltiplas de leituras das realidades, direcionando o pensamento coletivo à criticidade e instigando os sujeitos a um reposicionamento, uma vez que subscreve a força avassaladora da consciência diante do aprisionamento social.

## Considerações Finais

Os solos férteis da Contemporaneidade geraram sujeitos que se acomodaram à condição de incerteza enquanto afligem suas subjetividades estremecidas por uma modernização avassaladora, ao mesmo tempo em que buscam ocupar espaços ante a fluidez que indetermina o que há de novo e quais são as rupturas desse tempo. Nesse diapasão, o presente artigo argumenta que, no que se refere ao estudo e às contribuições da Sociologia, seu amparo analítico serve para organizar concepções teóricas e qualificar os debates públicos, sendo um campo disciplinar que pode permitir ancorar percepções das configurações sociais para além da percepção da fluidez do contemporâneo. Além disso, como consequência, pode ofertar parâmetros razoavelmente objetivos, amparados em modelos explicativos com alto grau de validade, à ação individual diante de um cenário social, econômico, político e cultural de alta imprevisibilidade tanto no plano do funcionamento das estruturas do estado nacional, quanto em função das dinâmicas do capitalismo globalizado.

Diante de tanto, pode-se defender que a Sociologia aporta um conjunto de teorias e categorias capazes de oferecer uma linha de interpretação coerente acerca da Contemporaneidade e, conseqüentemente, esquemas plausíveis de compreensão da relação entre processos macroestruturais e dilemas individuais. A consciência sociológica é capaz de envergar pré-conceitos estruturantes do imaginário social e adubar sociedades transformativas para o futuro. É, portanto, singular e generosa ao oferecer elementos à reflexividade.

## Referências

A SOCIOLOGIA é um Esporte de Combate. Direção de Pierre Carles. Paris: 2001. (139 min.)

ALEXANDER, Jeffrey. *O Novo Movimento Teórico*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 4, v. 2, jun. 1987.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética Pós-Moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. São Paulo: Vozes, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Barsil, 2001.

BURAWOY, Michael. *Por Uma Sociologia Pública*. In: Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho, v. 25, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. São Paulo: Vozes, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HOMERO. *Odisséia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

IANNI, Octavio. *A Sociologia e o Mundo Moderno*. Tempo Social, v. 1, n. 1, 1989.

JEFFRIES, Stuart. *Grande Hotel Abismo: a Escola de Frankfurt e seus personagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KUNH, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MASS, Paulo. Olmaro. *Ulisses como protótipo do homem moderno a partir de uma leitura de Adorno e Horkheimer na Dialética do Esclarecimento*. In: *Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS*. VII Edição, 2011.

SENNET, Richard. *A Corrosão do Caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Fábio Rodrigues Ribeiro da. *Realismo e Redes: dilemas metodológicos na obra de Anthony Giddens*. 2010, 455f. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

WRIGHT MILLS, Charles. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

*Recebido em: 09 de agosto de 2019*

*Aceito em: 31 de dezembro de 2019*